

Construção de Brasília custou US\$ 155 bilhões

Estudo de economista da FGV sustenta que a capital traz mais custos do que benefícios ao país

Catia Seabra e Consuelo Dieguez

• Para a capital federal, um capital de US\$ 155 bilhões. No mês do 36º aniversário de Brasília — comemorado hoje — o economista Ib Teixeira, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), preparou, de presente, um estudo segundo qual a construção da nova capital trouxe mais custos do que benefícios para o país. Depois de fazer um levantamento dos gastos da época, Ib Teixeira chegou à conclusão de que, a preços de hoje, a construção custou US\$ 155 bilhões aos cofres públicos.

Além de atribuir à empreitada o aumento da dívida pública, ele aponta a criação de Brasília como responsável pela escalada inflacionária no país e pela quebra do sistema previdenciário.

— Em vez de gerar riquezas, a capital federal só está gerando despesas. E isso vai continuar ocorrendo — assegura o economista, que há dois anos e meio se dedica à pesquisa do que chama de “Custo-Brasília”. Os resultados desses estudos serão publicados na revista “Conjuntura Econômica”, da FGV, do mês de maio.

Para chegar ao resultado de US\$ 155 bilhões, Teixeira aplicou, sobre os gastos da época, a correção monetária do período compreendido entre 1960 e hoje, além de uma taxa de juros de 3% ao ano. Em valores atualizados, a construção da capital consumiu, US\$ 35 bilhões em obras civis (avenidas, prédios públicos e de moradias, monumentos, saneamento e urbanização); US\$ 35 bilhões em juros sobre o capital aplicado; US\$ 35 bilhões em custeio (pagamento de pessoal, despesas de viagem, alimentação etc); e US\$ 59 bilhões de empréstimos privados.

Esses gastos foram financiados essencialmente através de emissão de moeda sem a receita correspondente. Mas a fatura dessa ganância veio logo após a inauguração da capital: a dívida externa brasileira cresceu substancialmente e a inflação, que no início da construção de Brasília, em 1957, era de 13% ao ano, saltou para 25,5% no final de 1960, quando Juscelino Kubstchek passou a faixa presidencial para Jânio Quadros. Em 1967, a inflação já tinha saltado para 100%.

— Os papagaios de Brasília começaram a aparecer logo após a inauguração — afirma.

O peso de Brasília para o sistema previdenciário

Amparado também em documentos oficiais e textos sobre a construção de Brasília, Ib Teixeira — na época repórter da “Última Hora” — atribui à transferência da capital a falência do sistema previdenciário brasileiro. Em seu artigo, o economista conta que boa parte dos recursos dos institutos de seguridade social — como o dos ferroviários, bancá-

rios e comerciários — foi destinada à obra. Só um exemplo: ao antigo Instituto dos Industriários coube o financiamento de 17 edifícios com cinco blocos de dez pavimentos e capacidade para 372 apartamentos de três quartos, mais 336 de dois quartos e outros 1.188 cujo número de cômodos não era especificado nos documentos oficiais. Às custas do IAPI também foram erguidos outros 34 edifícios, destinados aos funcionários dos poderes Legislativo e Judiciário.

“Apesar dos protestos das entidades sindicais, que consideravam um absurdo que os institutos de aposentadoria e pensão desviassem seus recursos para fins absolutamente estranhos a seus objetivos, a ordem era para que nenhum órgão público se omitisse na oferta de recursos a Brasília”, diz Ib Teixeira.

Distância de Brasília ajudou a fazer crescer os custos

Um dos motivos apontados pelo economista para o crescimento dos gastos com Brasília foi geográfico. Para fazer chegar gente, material de construção e equipamentos ao “espaço vazio e desértico do Planalto”, diz, a Presidência usava aviões, civis e militares, “dia e noite, numa autêntica ponte aérea”. Na época, a denúncia foi feita pelo ex-ministro da Fazenda Eugenio Gudín. Mas, além de usar declarações de Juscelino, o próprio Ib Teixeira conta ter testemunhado o frenético movimento de aviões em Brasília: “A todo instante, outros aviões DC-3 chegavam, com toneladas de insumos para a construção, à pista no deserto goiano”.

Mas, segundo o economista, o preço de Brasília não se restringe ao passado. Com receita e população inferiores às de outros estados, como Rio e São Paulo, a capital consome, só em transferências dos recursos do Tesouro Nacional, muito mais. Em 1994, o Distrito Federal, com pouco mais de 1,7 milhão de habitantes, abocanhava mais de R\$ 1 bilhão do Tesouro. E isso nem incluía os gastos do Governo federal, da Câmara dos Deputados, do Senado e do Poder Judiciário. Neste mesmo ano, São Paulo, com uma população de mais de 33 milhões, recebeu R\$ 673 milhões. Isso dá à capital uma transferência *per capita* de recursos de R\$ 588,67. A São Paulo, tímidos R\$ 20,04. Além disso, a média salarial é bem maior em Brasília.

“Ainda agora, tomamos conhecimento das transferências da União para Brasília: mais de US\$ 1 bilhão/ano, o que não inclui despesas de capital da magnitude da construção de um metrô, palácios da Justiça, reformas dos apartamentos funcionais, casas ‘padrão Senado’. Como a receita de Brasília é reduzida temos que, às vésperas do ano 2.000, quem banca Brasília é o Tesouro”.